

**“PARA DISCUTIR O FESTIVAL DENTRO DO FESTIVAL”: Análise De
Narrativas Em Performances De Dançarinos Protestantes No Festival De Dança
De Joinville.**

Maria Eduarda PORTO²

Nuno MANNA³

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG

RESUMO

Após vivenciar um protesto de dois artistas negros no palco do maior Festival de Dança do Mundo e o apagamento do ato pelo silêncio da imprensa o presente trabalho surgiu como uma inquietação quanto artista, pesquisadora e jornalista em formação. Partindo da gravação da transmissão, o objetivo da pesquisa ainda em desenvolvimento, é investigar como as performances dos bailarinos de Danças Urbanas marcaram as narrativas de autoafirmação desses sujeitos tensionando questões temporais, espaciais e o modo de fazer a cobertura midiática. Sob a ótica, principalmente, dos Estudos Culturais e das autoras Leda Maria Martins, Jota Mombaça e Saidiya Hartman.

PALAVRAS-CHAVE

Coreografia “Valor de Uso”; Festival de Dança de Joinville; Performance; Narrativa; Temporalidade.

CORPO DO TEXTO

No dia 28 de julho de 2023, era transmitido a 9º noite de mostra competitiva com Danças Urbanas no Festival de Dança de Joinville. A arena do Centreventos Cau Hansen, estava com sua lotação máxima de 6 mil pessoas na plateia. A 40ª edição do evento abraçou cerca de 13 mil bailarinos nacionais e internacionais e 350 mil expectadores no último ano. A transmissão ao vivo, por uma live no YouTube, e a cobertura midiática feita pelo canal oficial nas redes sociais, era o que mantinha quem estava de fora, por dentro do que estava acontecendo no Palco Principal.

Entre as inúmeras apresentações, foi anunciado a coreografia “Valor de Uso”. As luzes se apagaram, um estrondo e duas figuras apareceram no fundo do palco. Após o

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação antirracista, pensamento afrodiaspórico e interseccionalidades” evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: maria.porto@ufu.br

³ Orientador do trabalho, Professor do curso de Jornalismo FACED-UFU, email: nunomanna@ufu.br

começo da performance ficou claro que não se tratava de mais uma coreografia, mas sim, de um protesto de dois dançarinos negros no palco do maior festival de dança do mundo. O silêncio imediatamente estabeleceu-se pela plateia que assistia atenta aos movimentos e aos discursos recitados.

Os dois corpos eram pequenos se comparados ao pé direito alto e a profundidade do palco. A iluminação variava em focos de luzes e corredores se apagando e acendendo. Os performances, pequenas figuras sombreadas, na tentativa de não serem engolidos – pela grandeza da arena ou pelos olhos que condenam – usavam de suas potências para se fazerem presentes. Denunciavam de maneira clara o que gostariam de dizer, fosse pela palavra escrita declamada pelo texto ou fosse pelo corpo que expressava por meio do gesto.

O ato foi elaborado por artistas locais experientes, ex-premiados de antigas edições do festival e realizado sem violar nenhuma regra, até então, presente no regulamento do evento. É importante ressaltar que, após o término do festival, a instituição anunciou a mudança do regulamento com novos critérios que dificultariam a ocorrência de performances como essa.

Os dançarinos arquitetaram a execução, por semanas, de modo que atingisse o público e os bastidores, expondo as dificuldades de ser artista no Brasil, principalmente artistas negros e periféricos, com suas disputas e vitórias, promovendo visibilidade para pautas negadas à discussão e propondo a criação de um espaço para diálogo em um festival de nível internacional, que pudesse repensar seu modo operante.

Segundo um dos protestantes entrevistados, a performance era para ser um ato político dentro do festival de dança falando sobre festivais de dança. Seria uma crítica de dentro; do espaço de coexistência entre artistas e instituições no sistema da arte. Ressaltando que a crítica não seria exclusiva ao festival de Joinville, mas aos festivais como um todo.

“Todas que atravessamos esses circuitos, como artistas, curadoras, críticas, escritoras e agitadoras negras somos desmembradas por essa contradição, e em alguma medida nosso trabalho tem sido o de ocupar e demolir, num só movimento, habitando os escuros do mundo da supremacia branca para então estudá-los e adivinhar suas brechas, bordas, gatilhos, campos de explosão e implosão, linhas de fuga e moonlights para outras terras”. (Mombaça, 2021)

Desse modo, o corpo é a arte, o trabalho, a resistência e o sujeito. É o conjunto de passados-presentes, de ancestralidades e de saberes corporificados. Esse corpo em movimento é a própria performance. No caso dos dançarinos, a performance grafada por meio da dança e da oralidade poética do texto recitado – métodos de saberes ancestrais, marcados nas culturas afro-brasileiras, de articulações para resistência e transmissão de saberes, de “oralituras” conceituadas por Leda Maria Martins.

A partir dessa visão afro-diaspórica sobre o corpo e saberes, a performance atua como ato político de resistência e autoafirmação dessa identidade-movimento nas contrações e descontrações desse território – desse sujeito reivindicando no festival, batendo o pé como quem diz “esse espaço é meu”. E do tempo espiralar, que dança, que move, “simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo o não repouso” (Martins, 2021, p. 24), para a transformação da realidade.

“Para novos artistas e para quem não vai, é um sonho. E quem vai há muito tempo, começa a ver que não é ‘o sonho’. As pessoas ficam azedas com o tempo e juntou três azedos para fazer essa coisa” (dançarino entrevistado 2023). Essa “coisa” que é práxis, que é transformação, é o descontentamento com o presente e o desejo da possibilidade de um futuro. O protesto, foi jogado às margens, negado, omitido, e como quem não aceita essa omissão, os bailarinos agiram como se fossem livres, o que, aos olhos do mundo, equivalia a agir como bárbaros (HARTMAN, Saidiya, p. 83).

Uma barbaridade baseada na catástrofe, na desordem da ordem natural das coisas. Da bagunça e no desafio na contra normalidade para articulação de uma potência transformadora. Um protesto, uma performance como uma tomada do tempo e do espaço para dizer e ser ouvido. Para se fazer presente e existente. Ser bárbaro como sinônimo de desobediente e revolucionário. A rebeldia de quem propõem a reelaboração de imaginários articulando movimentos políticos frente a poderes homogeneizantes.

Logo, diante dessa desestabilização proposta pelos dançarinos no festival, era esperado que houvesse uma mínima resposta da organização do evento, ou uma produção jornalística de cobertura na imprensa. Mas diferentemente do esperado, não houve repercussão midiática e o caso foi bafado pelo festival que negou qualquer “nota de esclarecimento”.

Eu, quanto dançarina presente na plateia no dia do ato, ligada a laços de solidariedade a esses performances com suas vivências expostas, vinculadas às minhas próprias vivências ao enfrentar dificuldades para estar presente naquele festival. Eu, como pesquisadora e jornalista em formação; eu como um todo, não pude deixar de me questionar e permitir ser atravessada pelo que havia ocorrido. Aguardei a mobilização e quando ela não ocorreu, fui tomada por inúmeras provocações. O presente trabalho de pesquisa segue como uma dessas provocações e na tentativa de produzir reflexões sobre esses sujeitos. Por isso proponho na questão norteadora entender: **De que maneira as performances territorializaram o tempo-espaço do festival tensionando e criando narrativas de identidade-movimento para transformação da realidade?**

Para a materialidade da pesquisa farei uma análise a partir da gravação da tela do YouTube, em que estava sendo transmitida a apresentação “Valor de Uso” antes da finalização da live no dia da apresentação. Mas hoje, o vídeo da performance em outros ângulos já pode ser facilmente encontrado no YouTube publicado por canais alternativos de dança.

ESTUDOS CULTURAIS E GRAMSCI

Na modernidade, os estudos culturais, ao contrário de outras perspectivas, surgem no meio acadêmico em 1960, na Inglaterra, com a extinção da distinção entre alta e baixa cultura. Não só por considerar todas as manifestações culturais dignas de valor, mas por conceituar a palavra “cultura” como “todo um modo de vida” (Williams, 1969, p. 20), como “todas as práticas sociais e a soma de suas inter-relações” (Hall, 1980, p.60). Os sujeitos não são vistos como massas manipuladas por meios de comunicação massivos, e sim, como “como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa”. (ESCOSTEGUY, 2008, p. p.91), propondo uma mudança nos valores tradicionais da classe operária inglesa.

Essas produções de sentido a partir das interações cotidianas entre os sujeitos que vivem uma mesma realidade, compartilham vivências e leituras de mundo, produzem uma dimensão econômica e cultural maior, que explora espaços de lutas sociais e conflitos entre classes. A sociedade, de acordo com os estudos culturais, estaria pautada dentro dessas dimensões de conflito que são ligadas à noção de cultura.

Os estudos culturais, inauguraram “o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também, resistência” (ESCOSTEGUY, 2008, p. 89). De um lugar de disputas e negociações, como é entendido a cultura, o campo abrange as perspectivas de Antonio Gramsci com sua conceituação de hegemonia, para representação das disputas e seus acordos entre grupos sociais e classe dominante, quebrando a concepção de submissão acrescentando movimentos de resistência, luta e forças contra hegemônicas.

A cultura hegemônica é um mecanismo invisível – “ativo e formativo” - sustentado pelo consentimento dos subordinados, da classe trabalhadora, por ideias de uma elite dominante que moldam as classes sociais a partir de seus pensamentos hegemônicos. “É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo” (WILLIANS, p. 113). Esse processo de exposição constante a visões de mundos e realidade baseadas em crenças, tradições e conjunto de valores fazem com que haja uma adesão ideológica.

A hegemonia constitui um senso de realidade comum a maioria das pessoas e posta essa realidade, a ação dominante e imobilizadora dificulta que membros da sociedade se desvinculem dessa subordinação. A experimentação da vida dentro dos moldes da elite a partir de um processo permanente de ampliação, articulação e inclusão para a manutenção do controle, pelo qual se dará o relacionamento social dos indivíduos para com o mundo, entre si e consigo mesmo. A cultura é posta como esse processo básico da formação da hegemonia.

Para Gramsci, a contra hegemonia nasce na classe trabalhadora a partir do pensamento contra hegemônico, contra a normalidade. Essa força contra as pressões e limites determinantes existentes. O autor acredita na consciência dos indivíduos de capacidade analítica e crítica para a transformação social. A luta entre as visões de classes e a resistência dos grupos à hegemonia.

Raymond Willians em seus estudos sobre a cultura da classe trabalhadora, notou que os trabalhadores possuíam um caráter criador notável de potencial transformador. Com características antes sociais, uma vez que criavam instituições e depois individuais, com o seu crescimento intelectual e imaginativo, possibilitando a utopia e a imaginação de um futuro diferente. Logo, os operários ingleses em suas relações de exploração e dominação no trabalho, compartilhavam das mesmas desumanidades e se reconheciam

um no outro, isto é, “internalizavam seus significados e valores” (HALL, Stuart, 1987, p.12), tornando-os parte deles, corporificando os saberes e assumindo uma identidade-movimento de afirmação no território. Por isso, esses operários, adquiriram motivações para se unirem em sindicatos e se rebelarem em prol de um bem comum: melhorias salariais e reduções da jornada de trabalho, para alterarem a realidade em que viviam. (THOMPSON, 1963).

O movimento contra hegemônico dos operários se deu pelo grau de consciência no reconhecimento da realidade experimentada pelo outro. Pelo senso de identidade, formado no tensionamento e no descontentamento do tempo presente para identificação e a projeção de um tempo futuro diferente. Pelo impulso revolucionário da consciência de classe. Nessa mutualidade de constante transformação de relação de natureza híbrida e fluída, o sujeito se apropria de inúmeras identidades que não necessariamente são compatíveis entre si, mas que são uma forma de se autoafirmar e posicionar diante ao meio social.

Na pós-modernidade os diferentes discursos e a pluralidade de identidades culturais trouxeram a possibilidade de fragmentação e pertencimento. O reconhecimento por um modo de ser e estar no mundo que produz sentido para o sujeito e o torna parte dele, mesmo que temporariamente, uma identidade-movimento. Os sujeitos “vestem” identidades passando por categorias de classe social, gênero, sexualidade, raça, vida profissional, posicionamento político, territorial e interesse social.

Nesse viés, concluo de acordo com os estudos culturais que a partir da tomada de consciência o sujeito se torna um “ser da práxis; da ação e da reflexão” (FREIRE, Paulo, 2022 p. 30). Toma de volta para si os instrumentos para transformar a sua realidade, indo contracorrentes. Entender essas dimensões conflituosas se mostra indispensável para compreender as manifestações sociais de catástrofes cotidianas, suas potencialidades e os acontecimentos históricos interligados entre passados, presentes e futuros.

METODOLOGIA

O trabalho, ainda em fase inicial e experimental, leva em consideração as dimensões sócio-históricas e interdisciplinares, para tencionar as performances ampliando as discussões dos artistas protestantes negros, marginalizados e negados ao diálogo para

com a instituição e a sociedade. É a partir do tensionamento que as performances produzirão narrativas de autoafirmação de identidades-movimento e de propostas de transformação no tempo-espaço moderno. Ao reconhecer as potencialidades “das ideias revolucionárias que animam vidas comuns” (HARTMAN, Saidiya, p. 13), a pesquisa visa questionar também o “narrar” no modo de fazer a cobertura midiática.

Para desenvolver e debater essa análise proposta, a metodologia será de natureza da temática aplicada, na tentativa de produzir reflexões que impulsionem outros sujeitos a pensarem sobre o tema. A abordagem problemática será qualitativa, uma vez que explora, descreve e compara fenômenos sociais mutáveis para produzir informações ilustrativas dentro de dimensões conflituosas. Já os objetivos da pesquisa, o seu caráter se mostra descritivo propondo-se relatar e narrar os fenômenos estabelecidos nessas determinadas relações.

Para o procedimento técnico de análise, a autora adentrará, principalmente, no vídeo da coreografia gravada na live, nos estudos culturais e nas obras “Performances do tempo espiralar”; “Não vão nos matar agora” e “Vidas rebeldes belos experimentos” das autoras Leda Maria Martins, Jota Mombaça e Saidiya Hartman.

Além disso, o projeto se enquadra em uma pesquisa-ação por contar com a participação da investigadora para além de mera observadora, considerando as suas vivências e narrativas para o desenvolvimento do trabalho, que está diretamente ligado ao Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade (Narra), da Rede Linhas e Catástrofes Cotidianas.

REFERÊNCIAS

ARENT, Hannah, 1906-1975. Entre o passado e o futuro / Hannah Arendt ; [tradução Mauro W. Barbosa]. São Paulo Perspectiva, 2016

ESCOSTEGUY, A. C. Uma introdução aos Estudos Culturais. Revista FAMECOS, 2008.

França, Vera V. Curso básico de Teorias da Comunicação/ Vera V. França, Paula G. Simões – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. 25º ed. Extensão ou comunicação?/Paulo Freire; tradução Rosiska Darcy de Oliveira -25º ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais (Org. Liv Sovik), Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25-50.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTMAN, Saidyia. Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. 2022

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-telas. 2021

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

WILLIAMS, Raymond. Marxism and Literature. Oxford University Press, 1971. Tradução de Waltensir Dutra, Zahar Editores. Ed. - Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES S.A., 1979.

WILLIAMS, R. Cultura e Sociedade. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969